



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 6, art. 14, p. 259-278, jun. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.6.14>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



O Outro Lado do Cuidado: Experiências e Performances de Homens Cuidadores de Pessoas com Transtornos Mentais no Espaço Doméstico

The Other Side of Care: Experiences and Performances of Male Caregivers of People With Mental Disorders in the Home

Nayra Danyelle Batista da Silva

Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Assistente Social da Prefeitura Municipal de Teresina

E-mail: danii_campelo@hotmail.com

João Paulo Sales Macedo

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Professor da Universidade Federal do Piauí

Email: pmacedo@ufpi.edu.br

Endereço: Nayra Danyelle Batista da Silva

Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. CEP: 64.049-550, Teresina, Piauí. Brasil.

Endereço: João Paulo Sales Macedo

Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. CEP: 64.049-550, Teresina, Piauí. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 05/03/2020. Última versão recebida em 19/03/2020. Aprovado em 20/03/2020.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as formas de cuidado desempenhadas, no espaço doméstico, por homens cuidadores de pessoas com transtornos mentais bem como perceber como as masculinidades são construídas, a partir das práticas de cuidado desenvolvidas em cada contexto. O estudo, de natureza qualitativa, é fruto de uma pesquisa de campo realizada em quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do tipo II, na capital do estado do Piauí, Teresina. Participaram da pesquisa 15 homens cuidadores. Como instrumentos de coleta foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas e aplicado questionário sociodemográfico. A análise foi realizada por meio do método análise de conteúdo que resultou em três categorias de análise: a) o perfil do homem que cuida; b) a masculinidade e o cuidado; c) a análise das masculinidades não tradicionais. Concluímos que a masculinidade, aqui percebida no plural, quando associada ao contexto do cuidado, oferta um espaço complexo que respinga na necessidade de contínua desconstrução e expansão conceitual que vai além do campo teórico. O perfil de masculinidade desses homens poderia ser definido em suas diversidades, como fruto das necessidades de cuidado. A masculinidade, mesmo que por muitos, entendida a partir do modelo tradicional, é ressignificada no cotidiano. Nesse sentido, a incorporação da complexidade da temática e das demandas desses novos sujeitos pode contribuir para a reconfiguração dos serviços públicos de assistência e cuidado às pessoas com transtornos mentais.

Palavras-Chave: Cuidado. Gênero. Masculinidade.

ABSTRACT

The objective of this is to analyze the forms of care performed by male caregivers of people with mental disorders in the domestic space, as well as to understand how masculinities are constructed from the care practices developed in each context. The study, of qualitative nature, is the result of a field research carried out in 04 (four) Type II Psychosocial Care Centers (CAPS), in the capital of the state of Piauí, Teresina. Fifteen male caregivers participated in the research. As research instruments, semi-structured interviews were conducted and a sociodemographic questionnaire was applied. The analysis was carried out using the content analysis method, which resulted in three categories of analysis: a) the profile of the man who cares; b) masculinity and care; finally, c) the analysis of non-traditional masculinities. We conclude that masculinity, perceived here in the plural. When associated with the context of care, it offers a complex space that reflects the need for continuous deconstruction and conceptual expansion that goes beyond the theoretical field. The masculinity profile of these men could be defined in their diversity, as a result of the care needs. Masculinity, even though by many, understood from the traditional model, is re-signified in everyday life. In this sense, the incorporation of the complexity of the theme, and the demands of these new subjects, can contribute to the reconfiguration of public assistance and care services for people with mental disorders.

Keywords: Care. Gender. Masculinity.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre homens demonstram forte tendência para temas como a sexualidade masculina, a paternidade e a violência (BENTO, 2015, p. 13). Segundo revisão sistemática sobre os estudos de masculinidade e cuidado feitos por Silva e Macedo (2019, p. 322):

A discussão de masculinidade e cuidado, enquanto abordagem aliada ao feminismo conceitual da categoria gênero. Dar credibilidade para os dilemas envolvidos na construção das masculinidades e trazer essas inquietações para contestar “papéis” estabelecidos por uma divisão sociossexual do trabalho é, sem dúvida, uma escolha difícil, se levarmos em conta a reduzida produção teórica acerca da temática (ARILLHA et al., 1998, p.19), reconhece a importância do movimento no debate e ampliação.

Segundo Bento (2015, p. 16), esse forte aprofundamento da discussão refletiu entre tantos campos o “interesse no meio acadêmico. Exemplo disso é a criação do curso de graduação ‘Estudos do homem e da masculinidade’, na faculdade Hobart e William Smith, no Estado de Nova York.”. A primeira síntese global com pesquisas sobre homens e masculinidade foi publicada em 2005 (CONNELL, 2016). Já no Brasil, esse campo ainda não está bem delimitado, mas se apresenta como fértil. A masculinidade é entendida como prática social (CONNELL, 1995). Com a amplitude do debate sobre gênero, é preciso reafirmar que “a masculinidade tem sido discutida cada vez mais” (CECCHETTO, 2004, p. 51), de forma que contempla uma discussão mais abrangente e que não se limita em reproduzir essencialismos baseados em diferenças sexuais. Nesse sentido, não podemos falar da masculinidade, mas das práticas que são desempenhadas em diferentes contextos nas quais os homens são socialmente construídos. A prática enquanto categoria relacional nos proporciona a possibilidade de explorar diferentes campos de análise.

Para Connell (2016, p. 17):

O gênero, pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, o gênero pode ser definido como a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história.

Segundo a ideologia patriarcal, “cabe às mulheres o cuidado corporal, material e afetivo para com os membros sociais que convive” (CISNE, 2014, p. 106). Patriarcado, a partir de uma perspectiva feminista, é definido por Delphy (2009, p. 171) como “uma formação social em que homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres”. Historicamente se

espera dos homens a função de provedor econômico do lar, entretanto, nem todos os homens correspondem ou vivem o perfil de masculinidade que detém o poder. E é com a crítica ao modelo hegemônico dos padrões de uma masculinidade sempre dominante que enxergamos como o poder transita entre cada uma dessas realidades (SOBRAL, 2006).

Em diferentes contextos, o gênero, enquanto conceito socialmente construído, torna a discussão cada vez mais abrangente. As contribuições no campo dos estudos de gênero, no trato da masculinidade, encabeçados pelo movimento feminista, com origem particularmente na década de 1960 (MEDRADO; LYRA, 2012), abriu espaço para a superação das pesquisas baseadas em dicotomias que segregavam as categorias.

Segundo Oliveira (2007, p. 124):

Os papéis sexuais familiares estão associados a valores e normas, bem como a funções que são atribuídas separadamente ao homem e à mulher. Esses papéis são marcadamente diferentes e as funções mais valorizadas, são em geral, aquelas desenvolvidas pelo homem. Desse modo, os papéis familiares – masculino e feminino – estão relacionados de forma complexa a uma posição de status, que na sociedade de urbano-industrial é definida de acordo com a profissão, o rendimento e o estilo de vida.

O cuidado é percebido enquanto desdobramento das condições de cada composição familiar, afinal, o gênero é categoria teórica importante para análise, mas não somente ele. Nesse sentido, torna-se interessante mergulharmos nas multifacetadas do cuidado para pensá-lo por meio de um novo viés, assim aproveitando a fertilidade do campo de estudo sobre masculinidades, bem como a escassez de pesquisas em saúde mental, em especial do cuidado, e direcionar esse olhar para a realidade dos homens cuidadores. No caminhar desse estudo, adentramos as formas de cuidado doméstico realizado por homens às pessoas com transtornos mentais acompanhados em Centros de Atenção Psicossocial do tipo II (CAPS II), com o questionamento de como e em que contextos os homens protagonizam o cuidado às pessoas com transtornos mentais no espaço doméstico.

Os estudos sobre participação masculina na esfera doméstica do cuidado, segundo pesquisa bibliográfica realizada, tendem a situar o cuidado às crianças menores e compartilhamento de atividades domésticas (SILVA; MACEDO, 2019). O estudo das masculinidades com o recorte sobre cuidado em saúde mental apresenta-se como uma área carente de estudos (SILVA; MACEDO, 2019). O campo de estudo passou a ganhar espaço por contrapor-se aos padrões que definiam o conceito de masculinidade hegemônica. (BENTO, 2015). No momento em que se questionou esse conceito, excludente e dominante, percebemos as possibilidades de se rediscutir o sujeito “homem” enquanto corpo social que está situado por

detrás da ideia de masculinidade. Logo, incluir o contexto de pessoas com transtornos mentais na relação de cuidado doméstico vivenciada por homens é uma possibilidade nova de explorar e debater essas categorias.

As conclusões aqui reunidas apresentam-se como relevantes pela novidade de esmiuçar a figura do homem cuidador, que apresenta questões interessantes para a discussão de modelos não tradicionais de masculinidades, por vezes, confundidos dentro dos serviços. Quando direcionamos o olhar para esses personagens “não comuns”, há ainda a possibilidade de iniciarmos uma reflexão sobre a organização dos serviços em saúde mental, no sentido da atenção aos cuidadores e sobre a fragilidade das discussões de gênero junto a essa temática no cotidiano das instituições, fatores que contribuem para entender a relevância social do estudo. Bento (2015, p. 12), ao estudar masculinidades, enfatiza que “as ciências sociais no Brasil ainda não forjaram uma sólida tradição acadêmica, epistemológica, em torno da questão”. Desse modo, situar o homem e as diferentes práticas de masculinidades no processo de cuidado em saúde mental são as apostas dessa pesquisa para contribuir com a abertura de novos debates para um campo pouco explorado nas ciências sociais e da saúde em geral.

No tocante à incorporação da temática de masculinidade no âmbito de produção acadêmica, Connell (2015, p. 92) destaca que “periódicos acadêmicos foram criados para a pesquisa especializada, muitas conferências ocorreram e há cada vez mais literatura internacional”. Desse modo, cabe a nós pesquisadores articular formas de trabalhar o tema no sentido de torná-lo útil para o atual momento em que vivenciamos as questões de gênero.

As pontuações aqui apresentadas são fruto de uma dissertação de mestrado e tem como objetivo discutir as práticas de cuidado desempenhadas por homens, bem como analisar as performances de masculinidades criadas pelas formas que esses homens encontram para desempenhar o cuidado.

2 METODOLOGIA

A discussão a ser apresentada tem como base um estudo de natureza qualitativa, apoiado em uma pesquisa do tipo descritiva e exploratória, considerando a escassa produção de estudos na área da masculinidade e do cuidado. A investigação foi orientada inicialmente por uma fase de levantamento de material bibliográfico e por uma fase empírica, de setembro a outubro de 2018, junto aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), localizados na capital piauiense. O estudo foi aprovado em primeira instância pelo comitê de Ética da Fundação Municipal de Saúde do Município de Teresina, em 21 de junho de 2018. A pesquisa foi ainda

submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí, em 30 de junho do mesmo ano, recebendo parecer aprovado pelo número 2.869.006. O estudo esteve em conformidade com os princípios éticos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde de nº 466/12, que trata das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos e da Resolução nº 510/2016.

O estudo foi viabilizado com a contribuição de homens cuidadores de pessoas com transtornos mentais acompanhados em quatro Centros de Atenção Psicossocial de Teresina (PI). Dentro dos critérios, participaram homens apresentados como a principal referência do cuidado, não remunerados e que estivessem exercendo a função há pelo menos dois anos. A seleção dos possíveis participantes foi realizada junto às equipes das unidades. O convite para participação foi realizado via contato telefônico, sendo as entrevistas realizadas no espaço físico das próprias unidades, mediante agendamento de acordo com a viabilidade dos entrevistados. Participaram da pesquisa 15 homens cuidadores, representando 39,4% dentro do universo pré-selecionado, com destaque para a particularidade de um dos centros, no qual não foi realizada nenhuma entrevista, mesmo com cinco participantes possíveis.

Para produção dos dados, adotamos o diário de campo, considerando que este possibilitou ressaltar aspectos do cotidiano por meio do olhar da pesquisa. Além disso, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas, orientadas por um roteiro flexível, iniciado a partir de uma pergunta geral. Logo depois, as perguntas se organizaram em três principais blocos: 1) formas e sentidos do provimento do cuidado; 2) o cotidiano e exigências relacionados ao desempenho do cuidador e um bloco final relacionado aos aspectos que os envolve; 3) as questões de masculinidades e o cuidado, propriamente ditas (Figura 1.). No momento da entrevista, foi aplicado ainda um questionário sociodemográfico para caracterização do perfil dos sujeitos, composto por 12 itens, (sexo, idade, estado civil, escolaridade, religião, naturalidade, composição familiar, grau de parentesco com a pessoa cuidada, ocupação, dados sobre familiares, renda, e residência), complementado por três itens referentes a informações da pessoa que recebia cuidado (sexo do usuário, tempo de tratamento e o diagnóstico da PTM).

Quadro 1 – Questões da Entrevista.

Perguntas da entrevista
<u>Formas e sentidos do cuidado</u> <ul style="list-style-type: none"> • Para você, o que é cuidado? • Quais atividades você realiza no seu cotidiano de cuidado à pessoa com transtorno mental?
<u>Cotidiano e exigências do cuidado</u> <ul style="list-style-type: none"> • Alguém te auxilia nesse cuidado? • Quais atividades você realiza além de prover cuidados ao seu familiar? • Quais maiores dificuldades e limitações ao exercer tal atividade?
<u>Masculinidades e cuidado</u> <ul style="list-style-type: none"> • Por que você cuida? • O que você pensa sobre o fato de homens exercendo cuidado? • Para você o fato de ser homem, muda alguma coisa com relação ao seu modo de exercer cuidado?

Fonte: Autores, 2019.

As particularidades de tratar a temática de masculinidade no universo da saúde mental, explica a escolha pela entrevista semiestruturada. De forma aberta, foram tratados temas complexos com os cuidadores. As entrevistas foram diversas, se pensarmos no tempo de duração, desde entrevistas rápidas de 20 min até aquelas com mais de 1 hora de duração.

Após as entrevistas, bem como suas transcrições, foi realizada a análise do material produzido, apoiada na análise de conteúdo cujo método “é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da linguística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica).” (CAMPOS, 2004, p. 612). Nesse aspecto, o sentido dado por cada um dos entrevistados constitui fator relevante, afinal, analisar o conteúdo vai além do significado primário das palavras.

As análises e categorizações das entrevistas e outras informações obtidas ao longo da pesquisa levaram a eixos principais de exploração de sentidos, que foram organizadas em três categorias: a) o perfil do homem que cuida; b) a masculinidade e o cuidado; por fim, c) a análise das masculinidades não tradicionais. Essas categorias podem ser sintetizadas a partir das falas dos participantes da pesquisa, como consta no quadro abaixo:

Quadro 2 – Assuntos Chave

Assuntos chave	Experiências dos cuidadores
<ul style="list-style-type: none"> • Particularidades pessoais dos cuidadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Condição de saúde do cuidador; “Acho que deixei de dormir direito desde o meu transplante, e ele passa a noite com as luzes ligadas, ele não apaga. Meu transplante foi em Fortaleza... E aí quando voltei a cada semana um filho ia com a família inteira lá pra casa e cuidava da gente...” (IRMÃO, 66anos.) • Idades avançadas e as dificuldades inerentes a esse processo; “Às vezes a pessoa pensa que é porque a gente é pavio curto, é ignorante, mas não é minha filha porque é uma coisa que desgasta muito a gente, que vai consumindo e você não tem mais paciência”. (PAI, 65 anos)” • Relação de proximidade com a pessoa cuidada; Ah, eu cuido porque eu amo. Eu cuido porque eu gosto, é meu filho. Eu cuido porque eu preciso dele. Não é ele que precisa de mim não, sou eu que preciso dele. Eu preciso que ele exista, que ele esteja comigo.”(PAI, 55 anos) • Diferença entre o sexo dos cuidadores. “No caso do banho que eu falei, se eu pudesse dava o banho nela... Assim tem aquela barreira, tu sabe do que tô falando. Aí pra não ficar um negócio meio, eu faço questão de não entrar nesse meio e deixo mais pra mãe dela.” (PAI, 65 anos)
<ul style="list-style-type: none"> • Condições materiais e imateriais para exercer o cuidado 	<ul style="list-style-type: none"> • Dilema entre as tarefas de provedor de cuidado x provedor financeiro; “Olha eu não viajo, eu não vou pra lugar nenhum... só do trabalho, eu já cheguei cansado e vim correndo pra pegar ela, eu que tenho que vim buscar” (IRMÃO, 65 anos) • Prevalência de trabalhos informais com horários flexíveis.

	<p>“Como eu te falo você cuidar de uma pessoa assim é abdicar de muitas coisas mesmo... Questão de oportunidade melhor de emprego de não poder trabalhar o dia todo, porque eu sempre tenho que tirar um tempo pra está em casa. Ai nesse período da tarde é o melhor pra cuidar dela”. (IRMÃO, 36 anos)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • O conceito de cuidado 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de amor e respeito; Atividade socialmente inerente à família; <p>“Cuidado é carinho, é amor, é a responsabilidade, faz parte da família né ?” (Irmão, 38 anos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade perigosa. <p>“É perigoso porque nos tem que cuidar dele, tem que deixar tudo no ponto, reservado, no horário do almoço nos tem que tá lá, eu né?! Eu principalmente.” (PAI, 69 anos)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Masculinidades não tradicionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de igualdade entre os gêneros; <p>“Não tem muitos homens não. Tem, mas não é muito. Às vezes tem preconceito, tem homem que acha que é machão e aí na família tem mulher e acha que não precisa fazer. Tem umas coisas na cabeça, mas isso não existe não se fosse por isso no restaurante não tinha cozinheiro homem e tudo. Toda profissão tem, mas é porque tem gente diferente do outro.” (IRMÃO, 38 anos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perfil não hegemônico de masculinidade; <p>“Eu sou paciente, tem homens paciente... Nem todo mundo é igual... Todo mundo é diferente” (IRMÃO. 53 anos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tensionamento entre a masculinidade tradicional x as funções do cuidado. <p>“Acho sim, a mulher tem mais jeito. É mais cuidadosa, e o homem não. <i>Eu sou cuidador, não vou dizer que sou uma exceção, mas faço o básico.</i>” (PAI, 72 anos)</p>

Fonte: Autores, 2019.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O perfil dos homens cuidadores: implicações pessoais frente ao exercício do cuidado

Entre os entrevistados, destacou-se a figura do irmão como principal cuidador (53,3%), seguido dos pais (40%). Esses foram os principais vínculos familiares desvelados, sendo que todos os cuidadores eram sujeitos da família consanguínea. Os pais se apresentaram como os sujeitos de idade mais elevada e os irmãos como representantes dos mais jovens. Nesse cenário, enfatizamos a curiosidade do contato com apenas um companheiro como cuidador. A faixa etária dos entrevistados está concentrada nas idades de 52 a 77 anos, representando um total de 80% dos sujeitos. Cinco deles apresentam idades entre 50 e 57 anos. Cerca de 20% dos sujeitos estão na faixa de 30 a 38 anos. A grande maioria dos cuidadores são pessoas casadas (60%), apresentando-se entre eles apenas um pai divorciado, dado importante para pensarmos o local de cuidado desse pai que, mesmo compartilhando a companhia feminina no âmbito do lar, ainda assim se apresenta como o principal cuidador. Coincidentemente, os entrevistados solteiros, todos eram irmãos das pessoas cuidadas. Apenas um admitiu que a função de cuidador pode ser vista como uma dificuldade por parte de uma possível companheira, afinal, a presença da irmã seria uma constante no relacionamento. Mesmo o entrevistado tendo feito a ressalva, ele afirma que esse não é motivo do seu status civil de solteiro. Seguindo na delimitação do perfil desses cuidadores, destacamos a expressiva maioria de pessoas católicas (73,3%), mesmo com a grande maioria assumidamente cristãs. Destacamos dois cuidadores que alegaram não possuírem ou simpatizarem com nenhum tipo de religião ou crença.

Capturamos nessa análise parte do recorte geracional, tendo em vista que o perfil dos cuidadores determina assim uma realidade diferente do cuidar. Com destaque nesse segmento das questões geracionais que envolvem as relações de cuidado, entretanto, mais do que isso, no atual contexto em que vivemos, fica o questionamento de pensar quem são os cuidadores do futuro. Afinal, como consequência do envelhecimento, há o agravamento e/ou surgimento de doenças. A idade avançada, mais do que o reflexo do processo no qual esses cuidadores e suas masculinidades foram moldadas, indicam mudanças e ajustes dos arranjos de cuidados, a partir do processo de envelhecimento desses cuidadores e de suas limitações físicas.

O aspecto geracional, de forma cuidadosa, traz consigo aspectos que precisam ser pontuados aqui. Não há como generalizar o perfil dos nossos cuidadores, ou afirmar que o fato dos entrevistados mais novos serem mais abertos ou com pensamentos mais modernos. Afinal,

os pais cuidadores se mostraram bem abertos e sem dificuldades, com relação a machismo e preconceito, ao desempenharem as atividades do cuidado.

Desse universo, percebemos que as configurações de cuidado se desenham em sua maioria, 60%, na relação de homens cuidando de outros homens. As ações de cuidado partem em 86,6% de um cuidador que reside na mesma casa que a pessoa cuidada. Quando não residem no mesmo imóvel, as casas se localizam no mesmo bairro, ou até na mesma rua. Durante as entrevistas, foram realizadas perguntas para definirmos melhor quem eram os cuidadores, sintetizadas na tabela a seguir.

Tabela 1 – Perfil dos cuidadores

Características	N	%
Idade		
30 – 40	3	20
50 - 59	5	33,3
60 -70	4	26,6
70 – 80	3	20
Estado Civil		
Solteiro	3	20
Casado	9	60
Divorciado	3	20
Religião		
Católico	12	80
Evangélico	1	6,6
Sem religião	2	13,3
Total	15	100

Fonte: Autores, 2019.

No escopo analisado, os pais de idade mais avançadas se apresentavam em condição de aposentadoria, o que isenta, de certo modo, a exigência e a importância do trabalho para a figura masculina, que é historicamente associada à figura do provedor financeiro. Sobre a forma de provimento financeiro das famílias por parte das pessoas cuidadas, a grande maioria, na faixa etária de mais idade, é aposentada. Destacamos ainda profissionais liberais como fotógrafo,

mototaxista, “faz tudo” e empresário. As questões acerca do trabalho e adequação das funções laborais serão debruçadas na dimensão das práticas de cuidados e arranjos estabelecidos pelos mesmos. Os arranjos vão desde dispensar trabalhos formais até evitar realizar concursos públicos melhores para não deixar a função de cuidador. Dos entrevistados, apenas um era funcionário público. Os demais, em trabalhos autônomos e informais, apresentavam esse aspecto como positivo, tendo em vista que assim os horários de trabalhos eram organizados por eles mesmos.

Mais do que levantar os aspectos materiais/objetivos para desempenho da função, não podemos esquecer ainda das exigências físicas e psicológicas que também devem ser postas em pauta, quando pensamos em quem e como será desempenhado o cuidado. Os pais em idades avançadas mencionaram problemas de saúde, falta de força física para contenção das crises e ausência de outros cuidadores para si mesmos. Mais do que o esforço físico, percebemos uma grande demanda do esforço psicológico e mental para lidar com as questões do cuidado.

Outro aspecto interessante evidenciado na pesquisa relaciona-se a pensar a particularidade do cuidado quando este é vivenciado por pessoas de sexo diferentes. Nesse sentido, o sexo do cuidador apresenta-se como um fator relevante para desenhar o cuidado. Os tabus existentes colocam-se como barreiras impostas aos cuidadores, tais como o medo de serem acusadas, as especulações dos vizinhos quando o cuidador é uma pessoa do sexo masculino. Os irmãos cuidadores entrevistados na pesquisa citaram situações desconfortáveis vividas quando questionados sobre as tarefas de higiene. Entre os pais, todos mencionaram não ver problema em desempenhar tais tarefas, afinal, partem da ressalva de “sou o pai”. Entre os entrevistados, apenas um irmão relatou não desempenhar tarefas de higiene e diz que não as faria de jeito nenhum, assentando seu pensamento que “não seria certo” e que, se caso fosse preciso, pediria ou contrataria alguém para fazê-las. Ressaltamos que esse depoimento foi do irmão entrevistado de idade mais avançada. Esses posicionamentos refletem que a forma como eles enxergam e vivenciam situações afirmadoras de “papéis”, baseados em condições tradicionais de gênero, são fatores que também são agregados, ou não, na forma de cuidar.

3.2 Definições e percepções do cuidado.

Nessa discussão, conceitualmente comuns nas falas, percebemos que, mesmo o cuidado sendo entendido de formas parecidas, é vivenciado a partir de dinâmicas bem particulares. A ideia principal parte da construção ideológica de que esse cuidado deve ser desempenhado pelo familiar, que tem função diante dos olhos dos pais (quando irmãos cuidadores) e no geral diante

da comunidade. Mesmo com a romantização do cuidado, esses cuidadores admitem as dificuldades e, principalmente, o perigo inerente à função, com relatos de agressões físicas vivenciadas nos momentos de surto psicóticos das pessoas cuidadas. É nessa situação que o cuidado é apresentado por um homem como atividade perigosa.

É interessante lembrar em que contexto os estudos sobre masculinidades foram aprofundados. A partir do momento que se entende que nem todos os homens vivem os privilégios inerentes à figura masculina, entendemos o quão importante é destacar essa definição. A particularidade do campo da pesquisa não pode ser deixada de lado. O cuidado às pessoas com transtornos mentais se diferenciará, sem dúvidas, se a mesma pesquisa fosse feita no campo do cuidado de forma menos específica. Entretanto, ouvir um cuidador falar da atividade como perigosa, nos mostra como os arranjos para operacionalizar esse cuidado assenta-se para além do gênero.

Com relação ao entendimento e os sentidos do cuidado, não podemos estabelecer uma definição estanque do mesmo, afinal, cada sentido traz consigo uma subjetividade do lugar do cuidador: o irmão que deve respeitar a memória dos pais; o marido que não pode abandonar a esposa, pois prometeu perante a igreja; o pai que alega a responsabilidade enquanto genitor. Enfim, cada situação envolve particularidades que se encontram no sentido comum de proporcionar o alívio do sofrimento de seus familiares. Há um conceito próximo sobre o que eles entendem como cuidado. Mesmo suas falas apresentando pontos comuns, a dinâmica de cada cuidador varia, tendo em vista, principalmente, a relação de proximidade e respeito entre ambos. Entretanto, apesar da não homogeneidade do conceito, as contribuições dos cuidadores, se pensadas em conjunto, lembram a definição de Ayres (2009, p. 42), que delimita seu entendimento de cuidado como:

Uma compreensão filosófica e uma atitude prática frente ao sentido que as ações de saúde adquirem nas diversas situações em que se reclama uma ação terapêutica, isto é, uma interação entre dois ou mais sujeitos visando o alívio de um sofrimento ou o alcance de um bem-estar, sempre mediada por saberes especificamente voltados para essa finalidade.

Há nesse sentido a possibilidade de entender o cuidado como uma atividade que envolve necessidades e disposição daquele que cuida. As práticas sociais de cuidado são marcadas por mudanças e permanências, especialmente considerando o lugar social e econômico que cada cuidador desempenha dentro da família e também no mercado de trabalho no qual está inserido.

O cuidado é ainda definido a partir de um conjunto de sinônimos pensados a partir da palavra “atenção”, que dimensiona a complexidade de atividades que envolvem cada caso. A atenção exigida por cada pessoa envolve aspectos que se intensificam por conta do diagnóstico de cada usuário bem como da própria relação de proximidade com o cuidador. No geral, o entendimento do cuidado envolve uma exigência que acontece o dia inteiro e que não se restringe apenas a uma atividade em si, mas uma rotina diária que começa cedo. As práticas de cuidado, em geral, são caracterizadas a partir de experiências femininas de exercê-las. E, dessa forma, são pensadas, em geral, no espaço doméstico e nos afazeres do lar.

As experiências ouvidas na pesquisa envolvem cuidados que se estendem em todos os âmbitos de vida das pessoas com transtornos mentais. Mas quando questionados sobre as atividades exercidas, cuidar do outro é explicado a partir de experiências diversas, mas que se esbarram nas questões de higiene e atividades tipicamente caracterizadas como domésticas.

Nas práticas vividas, há aquelas que desempenham todos os tipos de atividades, como atividades do lar e até mesmo as questões de higiene. E aqueles que atuam pontualmente e são responsáveis por atividades mais específicas. O cuidado é provido, então, na forma objetiva e subjetiva. Carrasco (2001) aponta que para os homens o tempo do cuidado é residual, pontual e minoritário. Essa não foi a realidade conhecida. No geral, o grau de dependência das pessoas cuidadas determina as exigências desse cuidado. Mas há na realidade desses cuidadores um provimento de cuidado que não se limita e que exige atenção 24 horas e impactam nos diferentes espaços sociais e de vida em que esse cuidador se estabelece.

Há nessa dedicação uma dificuldade de perceber o que é o cuidado. Enquanto há cuidador que entende que a atividade não é limitada, há os que não percebem a extensão e responsabilidade da função. Quando um cuidador afirma passar o dia com telefone ligado, mesmo durante o trabalho, essa é uma ação de cuidado. Quando este precisa dispensar empregos de tempo integral ou viajar para buscar novo emprego, essa ação também é de cuidado. Mesmo os cuidadores, no geral, comparando sua forma de cuidar e estabelecendo suas ações como insuficientes, o cuidado provido por eles é constante, pois abrange desde miudezas no dia-a-dia, até mesmo superação das barreiras pessoais para limpar, banhar e realizar atividades mais práticas.

Para eles, cuidar não é fácil, mas é algo que está mais relacionado com disposição e dedicação, do que simplesmente a responsabilização pelo sexo. Nesse aspecto, percebemos uma busca pelo reconhecimento dos provimentos de seus cuidados. Não apenas por parte da estrutura institucional do CAPS, mas também pelos locais sociais e geográficos que ocupam em outros momentos de suas vidas.

3.3 O processo de construção e desconstrução da masculinidade dos cuidadores

Na análise que versa sobre as questões de gênero que atravessam a formação do “ser” masculino de cada um dos sujeitos, a partir do reconhecimento individual dos mesmos, há uma identificação pessoal com o universo por eles compreendido como masculinidade. De modo que nessa dimensão, partindo da realidade dos entrevistados, percebemos o fogo cruzado no qual muito cuidadores se encontram: responder ao que se espera do universo masculino, ao passo que, necessitam prover o cuidado, naturalizado como universo alheio e pouco conciliável com a masculinidade hegemônica tradicional. E nesse sentindo, os homens por nós conhecidos não se enquadram em modelos fixos.

O cuidado exige performances, práticas e “jeitos”. A dupla, quem cuida e quem recebe o cuidado, constitui-se de particularidades multiplicadas por dois, tudo é em dobro. O masculino quando convive com o feminino resulta em trocas e reconfigurações de masculinidades. O feminino quando cuidado pelo masculino exige desconstruções e realinhamentos das práticas. Essa análise faz ainda mais sentido quando nos lembramos da afirmação de Daniel Welzer-Lang: “para compreender as reações masculinas ao novo questionamento dos privilégios concedidos aos homens, precisamos desconstruir o masculino revelando-o como gênero permeado também pelas relações sociais de sexo” (p. 117, 2004). A prática cotidiana do cuidado libera a melodia para que a performance de quem cuida seja criada. Estudos sobre paternidade e masculinidade, indicam que a saída das mulheres para o mercado de trabalho causa novos arranjos domésticos e novas formas de relação entre homens e mulheres. (BENTO, 2015).

A masculinidade dos cuidadores é vivenciada e percebida de forma que comprova a multiplicidade da mesma, o que faz desses homens um grupo social, tendo em vista suas configurações não hegemônicas (WELZER-LANG, 2004). Nas diversas nuances apresentadas, percebemos que: os homens cuidadores choram; os aspectos físicos nem sempre são fatores de privilégio; o silêncio esperado se torna barreira para a construção das suas práticas, afinal, com quem se pode tirar as dúvidas, se o lugar do cuidador homem é em silêncio?. Se a função do homem é prover financeiramente a casa, como fazer isso se as políticas não incorporam a figura do homem como cuidador que precisa também suprir as necessidades do “care” dentro do lar? Quando os homens não se apresentam em situação de dominação ou não conseguem cumprir todas as “funções” esperadas. Tais questões variam também a partir da forma como eles próprios internalizam essas questões (SCOTT, 1998).

Se levarmos em conta as definições estabelecidas por Robert Brannon e Deborah David (1976) citada por Berenice Bento (p. 41, 2015), a pesquisa nos mostra que os cuidadores pesquisados apresentam coincidências e contradições que se estabelecem nas características definidas pelos autores americanos. Sendo:

- 1) No Sissy Stuff, os irmãos que demonstram problemas com relação à necessidade de auxiliar as irmãs com as questões de higiene, afinal, Sissy Stuff diz respeito ao repúdio e desvalorização do feminino;
- 2) Be a Big Wheel, diz respeito à metáfora do poder masculino está diretamente ao grau de riqueza e bens; nesse aspecto, percebemos uma dificuldade dos cuidadores de acessar ou construir bens. Nesse sentido, os cuidadores da pesquisa não se enquadram nesse aspecto, mas dão indicativos de sofrimento por não corresponder a essa dimensão;
- 3) Be a Sturdy Oak: nessa característica, espera-se que os homens não demonstrem sentimentos e que se mantenham reservados. Podemos observar que essa “exigência” causa um sofrimento, até mesmo de saúde, nesses cuidadores. Os próprios serviços, como as reuniões de família, não se apresentam como espaço confortável para a expressão de sentimentos. Nessa dimensão, destacamos os pais cuidadores que alegaram evitar chorar na frente dos filhos, para não passar imagem de fraco.
- 4) Give Em Hell seria o “arrisque-se” acima de tudo. Use a agressividade. Não verificamos aspecto entre os cuidadores entrevistados que fossem ao encontro desse comportamento. Afinal, o transtorno mental das pessoas que recebiam cuidados exigia mais o jeito, a mediação e a calma, ao invés de força física. Foram relatados ainda muitos casos de agressões sofridas por parte dos cuidadores.

Visualizamos, com os relatos e percepções dos cuidadores entrevistados, uma busca do homem para dentro de si, que, nas palavras de Bento (2015, p. 130), é “um movimento centrípeto, de valorização da intimidade, a partir da reestruturação da subjetividade.” Ou seja, há uma movimentação na reorganização das identidades de gênero. A realidade do cuidado coloca esses homens em situações que exigem essas ressignificações.

No processo de análise das narrativas, percebemos que perguntar a esses homens por que desempenham o cuidado foi um interessante mecanismo para entender como eles reconhecem suas masculinidades. Ao longo do contato com os cuidadores, acreditamos poder

deixarmos em aberto uma nova categoria: masculinidade do cuidado, que se constrói e se reconstrói a partir de práticas e ações reais do cuidado, e não como algo que poderia denominar o que se estipula ou se espera do homem que cuida. A masculinidade do cuidado é fruto de uma necessidade que em muitos casos é estabelecida porque “não tem outro jeito”.

Tais constatações indicaram um movimento por parte dos cuidadores quanto à equidade entre os gêneros. Rediscutir os lugares de homens e mulheres na responsabilidade do cuidado é uma forma de evidenciar a necessidade de a temática ser incorporada na agenda pública de discussão. O exemplo desses cuidadores nos mostra que há uma ressignificação da masculinidade, oferecendo para nós a possibilidade de visibilizar um modelo que se distancia da masculinidade tradicional influenciada fortemente por uma heteronormatividade dominante, de uma sociedade profundamente marcada por raízes patriarcais.

4 CONCLUSÃO

Este artigo oferece aos estudos de cuidado em saúde mental um novo olhar para esfera do cuidado. Constatamos, não somente pelas falas dos cuidadores mas pelo olhar da pesquisadora e o contato com as equipes técnicas, que há uma naturalização do espaço de cuidado como um “não lugar” do homem. Essa sensação de não pertencimento é também vivenciada pelos próprios cuidadores. Em relato, um dos pais entrevistados disse que, por ser o único homem na reunião de família, tinha vergonha de falar. Ao ouvi-los, percebemos que o cuidador, de fato, precisa de cuidados, orientações e um espaço integrativo para levar as demandas particulares da sua forma de cuidar.

O perfil de masculinidade desses homens poderia ser definido em suas diversidades como fruto das necessidades de cuidado. A masculinidade, mesmo que por muitos é entendida a partir do modelo tradicional, são ressignificadas no cotidiano. E como afirmam Connell e Pearse (2015, p. 157) “estrutura e mudança não são opostos, mas sim parte da mesma dinâmica de nossa vida social”. Nesse sentido, o modo de agir e de se comportar desses cuidadores se moldam cotidianamente de acordo com as exigências postas pela função, ou melhor, a estrutura social condiciona a prática (CONNELL; PEARSE, 2015, p.157). A desconstrução do modelo tradicional de “ser homem”, nem sempre ocorre de forma natural. Há aqueles que se apresentam como provenientes de meios não tradicionais, percebido nos relatos que indicam o processo de descontinuidade de ações e de pensamentos alinhados ao modelo patriarcal do cuidado, que foram adquiridos.

Nesse sentido, observamos que o homem tende a desempenhar o cuidado por diferentes situações, no geral, pela ausência de uma figura feminina. Mas sempre desempenhando suas atividades dentro de uma contínua comparação ao que poderíamos chamar de “jeito da mulher cuidar”. Nas entrevistas, quando questionados sobre a forma que cuidavam, comumente suas falas pausadas deixavam a entender: “eu faço assim, não sei se é o certo”.

De fato, os homens guardam, aparentemente, características que lhes dão privilégios. Força física, porte pessoal, a ideia de um “papal” importante dentro do contexto familiar. Entretanto, dado o grau de comprometimento psíquico em cada caso, tais aspectos são facilmente considerados nulos. Nem sempre a força física serve de suporte para conter uma crise. Dai a constatação na prática quando Rachel Gouveia Passos (2018) fala do cuidado, definindo-o como: contextual, relacional e existencial. E enquanto relacional, destacamos que “as formas e intensidade desse cuidado variam porque somos mais vulneráveis em alguns momentos da vida, como na infância e na velhice, e porque somos desigualmente vulneráveis durante a vida adulta, devido a condições físicas especiais, a enfermidades e fatores sociais” (BIROLI, 2018 p. 53). Contextual, pois as condições materiais também se apresentam como aspectos relevantes ao se analisar as condições em que o cuidado é de fato operacionalizado, sem falar, das diferenças (de idade, sexo, religião) entre quem cuida e quem é cuidado(a).

Cabe ressaltar ainda que os resultados dessa pesquisa não podem ser vistos como fixos, o campo é amplo e complexo. A análise exige mergulhos, mas ainda não existe um leque tão diverso de fontes e referenciais a serem explorados. Nesse sentido, reiteramos a relevância em contribuir com uma nova narrativa para a literatura local, a partir da análise do cuidado em saúde mental. Apesar desta importante contribuição, o escopo da pesquisa se apresenta bastante pequeno para generalizações.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. In: _____. (Org.). **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: Cepesc; UERJ/IMS; Abrasco, 2009 a. p.41-73. (Clássicos para integralidade em saúde).
- BENTO, B. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas** / Berenice Bento. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CARRASCO, C. **La Sostenibilidad de la vida humana: Um assunto de mujeres**. Barcelona: Mientras Tanto.n. 82, Outono inverno, Icaria Editorial, 2001.

CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CECCHETO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Violência, Cultura e Poder. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004, 245p.

CONNEL, R. W. **Políticas de Masculinidade. Educação e Realidade**. N.20, V.2, Jul/Dez, 1995.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNEL, R; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DELPHY, C. Patriarcado. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Z. L. C. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In: ARAUJO, Clara Maria De Oliveira; SCALON, Maria Celi Ramos Da Cruz. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PASSOS, R. G. **Trabalho, Gênero e Saúde Mental: Contribuições para profissionalização do cuidado feminino**. São Paulo: Cortez, 2018.

SCOTT, J. W. G. a usufel categort of historical analyses. In: HEILBRUN, C. G.; MILLER, N. K. (Org.) *Gender and the politics of history*. New York: Columba University Press, 1988, p. 28-50. Tradução Brasileira: **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n.2, jul/dez. 1990, p.522.

SILVA, N. D. B; MACEDO, J. P. **Novas Vozes no Cuidado: Uma Revisão Sistemática Sobre a Produção Científica no Campo de Discussão Entre Masculinidade e Cuidado**. Rev. FSA, Teresina PI, v. 16, n. 2, art. 17, p. 318-339, mar./abr. 2019. Disponível em:< <http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa>>. Acesso em 20. Fev.19.

SOBRAL, R.C. C. **A igualdade Conjugal entre mulheres e homens que conheci**. In: **Serviço Social e Contemporaneidade**: Revista do Departamento de Serviço Social/ Universidade Federal do Piauí. Ano. IV, n. 4. Teresina: EDUFPI, 2006.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHUPUN, Mônica Raisa (Org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, N. D. B; MACEDO, J. P. S. O Outro Lado do Cuidado: Experiências e Performances de Homens Cuidadores de Pessoas com Transtornos Mentais no Espaço Doméstico. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 6, art. 14, p. 259-278, jun. 2020.

Contribuição dos Autores	N. D. B. Silva	J. P. S. Macedo
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X